

## ANÁLISE SOCIODISCURSIVA DA “SAUDAÇÃO” DO GRUPO ÉTNICO-LINGUÍSTICO TSONGA DE MOÇAMBIQUE

Alexandre António Timbane\*  
alextimbana@gmail.com

### RESUMO

A pesquisa versa sobre análise da saudação no grupo linguístico tsonga, localizado no sul de Moçambique. Como ponto de partida levantou a seguinte questão: quais as características discursivas e culturais que a saudação tsonga apresenta? A pesquisa tem por objetivo analisar e indicar os significados discursivos da saudação tsonga e discutir a sua relação com cultura moçambicana. Para a pesquisa foram gravadas quatro falantes de xichangana, dois de xitswa e quatro de ronga, todos moradores de Maputo e com ensino fundamental. Depois da transcrição, seguiu-se a fase da análise do qual se concluiu que a saudação é diferente da conversa e ela segue normas estabelecidas pelo grupo étnico-linguístico. Na saudação há ausência do **eu** que sempre se converte em **nós**, pois há predomínio do coletivismo na cultura. Nota-se a presença de marcas discursivas com predomínio do tempo passado, pois relata-se fatos passados, na sua maioria.

**Palavras-chave:** discurso; saudação; grupo tsonga; Moçambique.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Moçambique é um país africano, localizado geograficamente na África Austral, habitado por cerca de vinte e dois milhões de habitantes distribuídas de forma desigual ao longo do país, numa extensão de 77.867 km<sup>2</sup>. É um país multilíngue e multicultural cuja sua maioria pertence aos povos bantu. O importante a referir aqui é que a maioria dos moçambicanos habita nas zonas rurais e preserva a sua cultura, hábitos, costumes e as suas línguas locais, sempre respeitando a tradição oral. Aliás, este é um fenômeno característico dos povos bantu.

Há, no entanto, um grande domínio das línguas bantu na comunicação cotidiana, isto porque, a língua portuguesa só chegou com a colonização no séc. XVII e é pouco conhecida pelos moçambicanos principalmente pela população rural, analfabeta<sup>1</sup> e pobre. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (2009), as línguas mais faladas são: o emakhuwa (26,3%), o xichangana (11,4%) e o cisená (7,8%), dados que nos levam a concluir

---

\* Pós-doutorando, Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)/ Academia de Ciências Policiais (Moçambique).

<sup>1</sup> Segundo Relatório de Desenvolvimento Humano divulgado em 2013, a taxa de analfabetismo em Moçambique é de 43,9% e a taxa de abandono escolar no ensino primário ou fundamental é de 64,6%, dados que colocam o país no 185º lugar no ranking mundial de desenvolvimento humano (MALIK, 2013).

que Moçambique é um país bantófono sob ponto de vista concreto, cultural, social e prático e ao mesmo tempo lusófono sob angulo político.

O grupo linguístico tsonga<sup>2</sup> tem características culturais comuns o que lhes permite maior convivência bem como a inteligibilidade das suas línguas e variantes. Esse grupo étnico tem uma tradição oral, por isso que desde os primórdios não possuía literatura, mas sim, a oratura. As Línguas Bantu (LB) moçambicanas foram ágrafas durante séculos e só em 2008 é que houve a padronização da ortografia e a descrição dessas línguas já é visível em trabalhos acadêmicos (teses, dissertações etc) das principais universidades moçambicanas.

Sabe-se que a língua está associada à cultura. A cultura é um processo contínuo em que se acumula conhecimentos e práticas que resultam da convivência e da interação entre os indivíduos. Para que isso se efetive faz-se apelo à língua como instrumento de comunicação, canal que cria “ponte” para que os hábitos e costumes culturais sejam assimilados. Essa dicotomia (língua-cultura) une os povos e cria sentimento de irmandade e de pertença social fazendo com que haja certa harmonia. Muitos aspetos culturais dos bantu, vistos sob ponto de vista eurocentrista ou sob ponto de vista da cultura ocidental parecem “estranhos”.

Por exemplo, porque não existe a palavra “primo” na língua xichangana? A resposta é simples e é justificada com base na antropologia cultural. É que na perspectiva antropológica daquele povo não existe primo, mas sim “irmão”. O que significa que na cultura do grupo tsonga, “primo” é “irmão”, pois os primos provêm do mesmo sangue (avó/avó comum). Logo, não houve necessidade de se criar tal palavra. A ocidentalização fez com que nos dias de hoje separemos dois irmãos e passamos a chamar um, de irmão e outro de primo. Sendo assim, o dicionário Siteo (1996, p.190) registra simplesmente a palavra “*pìrimú*”/“*pìrimà*” que é na verdade, um empréstimo proveniente do português (“primo”/“prima”) para xichangana. Os empréstimos e os estrangeirismos, segundo Timbane (2012) vêm resolver em muitas ocasiões esse tipo de impasse linguístico. Muitos empréstimos que ocorrem nas línguas bantu são de “luxo”, quer dizer, não existe uma palavra correspondente nas línguas africanas. Por exemplo: *xicolà* (do português, “escola”), *tàfulà* (do afrikaans, *tafel* que significa “mesa”), *thaye* (do inglês, *tie* que significa “gravata”), *tsòtsi* (do zulu, que significa “ladrão”) etc. (TIMBANE, 2012, p. 47-50).

O exemplo dado no parágrafo anterior (*pìrimú*) se assemelha com o tema que pretendo desenvolver. A saudação do grupo tsonga vem sendo substituída pela saudação da cultura

---

<sup>2</sup> Para este trabalho utilizarei o termo tsonga para me referir ao grupo linguístico que vulgarmente é conhecido como tswa-ronga, codificado S.50 por Guthrie (1948). O termo tsonga também é utilizado na África do Sul e no Zimbábwe.

européia que os jovens da atualidade o acham demorado, longo, complexo etc. Achamos interessante pesquisar o discurso produzido na saudação desse grupo linguístico bem como a sua relação com a cultura tradicional.

Sendo assim, levantam-se as seguintes questões: quais as características linguísticas presentes na saudação do grupo linguístico tsonga em Moçambique? Será que existe padrão nesse comprimento que nos parece diferente de outras culturas? Levanta-se a hipótese de que é um discurso regrado que segue normas estipuladas pela sociedade. A sua aprendizagem ocorre de forma espontânea e pela experiência cotidiana. Nessa cultura há valorização da coletividade, quer dizer, do grupo. O trabalho tem por objetivo analisar e indicar as características discursivas do cumprimento do grupo étnico-linguístico tsonga; discutir os principais significados linguísticos/discursivos de uma saudação. Orlandi (2001) sustenta a ideia de que a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Isso significa que o cumprimento no grupo étnico-linguístico tsonga carrega consigo marcas culturais, sociais que particularizam aquele grupo sociolinguístico.

## **2 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO GRUPO TSONGA E SUAS FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS**

A comunidade discursiva<sup>3</sup> tswa-ronga ou tsonga (S50), segundo Guthrie (1948) é composta por três línguas: o xirhonga, o citshwa e o xichangana. Essas línguas são inteligíveis e ocorrem na região do sul de Moçambique, tal como ilustra o mapa 1. Segundo Ngunga e Faquir (2011), as línguas do grupo tsonga têm variantes: (a) xichangana: xihlanganu, xidzonga, xin'walungu, xibila e xihlengwe; (b) ronga: xilwandle, xinondrwana, xizingili e xihlanganu; (c) citshwa: citshwa, xikhambani, xirhonga, xihlengwe, ximhandla, xidzhonge e xidzivi. Esta subdivisão resulta de debates intensos em seminários entre linguistas moçambicanos e não só, na tentativa de se descrever e organizar a designação dessas LB moçambicanas.

---

<sup>3</sup> Termo introduzido por Maingueneau (2000) para designar grupos sociais que produzem e administram um certo tipo de discurso.

Mapa 1: Localização geográfica das línguas tsonga em Moçambique



Fonte: Africanidade.

No mapa 1, nota-se que para além das línguas do grupo tsonga falam-se outras duas LB: o gitonga (pintado de verde) e cicopi (pintado de amarelo). A língua gitonga é falada na província de Inhambane, em regiões circunvizinhas à Baía de Inhambane que compreende as cidades de Inhambane e Maxixe bem como os distritos de Jangamo, Morrumbene e Homoine (NGUNGA; FAQUIR, 2011, p. 181). Por sua vez, a língua cicopi (pintado de amarelo no mapa) é falada nas regiões de Zavala, Inharrime e Homoine na província de Inhambane e em Manjacaze, Chidenguele e Chongoene na província de Gaza. É claro que as fronteiras linguísticas não são tão claras, mas pelo menos ficamos com a ideia de como as línguas estão distribuídas no sul de Moçambique. É importante referir que

a pessoa que adquiriu conhecimento de uma língua interiorizou um sistema de regras que relaciona som e significado de determinada maneira [...] o conhecimento da língua (...) é apenas um dos muitos fatores que determinam como um enunciado será usado ou entendido, em uma determinada situação (CHOMSKY, 2009, p.63).

Sendo assim, é notável a presença de gitongas e copis nas regiões fora do seu domínio geográfico. Também é interessante referir que com a colonização e as recentes guerras civis, as pessoas se deslocaram das regiões de origem e hoje, os limites linguísticos não são muito notáveis. De onde provêm as LB? As LB são uma grande família de línguas faladas por populações que se situam desde a região central de África até ao sul. Esta classificação resulta das pesquisas realizadas por Guthrie (1948) onde o linguista demonstra que há características comuns entre elas. Segundo Greenberg (1948, 1971, 2010)<sup>4</sup>, as línguas africanas se dividem em quatro grandes famílias e subfamílias: Afro-asiática (Semítica, Egípcia, Cushítica, Berber e Chádica), Nilo-sahariana (Songhai, Sahariana, Maban, Fur, Chari-Nilo, Koman), Congo-kordofaniana (Níger-Congo, Kordofaniana) e Koi /San (Khoi, San, Sandawe, Iraqw, Hatsa ou Hadza).

As LB, segundo Guthrie (1948) são classificadas em 15 zonas<sup>5</sup> codificadas por letras maiúsculas: A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S. Cada grupo de línguas foi codificado por um número decimal sufixado à letra do código da respectiva zona. De acordo com o mapeamento de Guthrie, Moçambique ficou abrangido por quatro zonas que são: G, P, N, S.

<sup>4</sup> Joseph Harold Greenberg (1915- 2001) foi linguista norte-americano, que deu seu contributo à linguística, classificando as línguas quanto à tipologia. Professor na Universidade de Stanford, criou teorias relacionadas a conceitos linguísticos universais, implicativos universais, comparação léxica em massa, línguas Níger-Congo, línguas nilótico-saarianas, línguas afro-asiáticas, línguas ameríndias, línguas euro-asiáticas e línguas indo-pacíficas.

<sup>5</sup> Nurse e Philippson (2003, p. 164-181) ainda sustentam a classificação de Guthrie embora tenham introduzido algumas alterações superficiais na requalificação dos seus dados.

Assim, as línguas faladas em Moçambique ficaram distribuídas da seguinte forma: **Zona G:** Grupo Swahile (G40), **Zona P:** Grupo Yao (P20), **Zona N:** Grupo Nyanja (N30), **Zona S:** Grupo Shona (S10), Grupo Tsonga (S50) e Grupo Copi (S60). (Timbane, 2012:56-57). As línguas xichangana e ronga para além de ocorrerem em Moçambique também ocorrem na Suazilândia, África do sul e Zimbábue e ocorrem principalmente nas regiões fronteiriças (cf. Mapa 1, em anexo).

### 3 O QUE É SAUDAÇÃO NA CULTURA ÉTICA CITSHWA-RONGA?

Em todas as sociedades, a saudação parece ser uma prática frequente. Pode ser expresso por gestos, por olhares, por palavras ou mesmo por uma conversa, como é o caso do grupo em estudo. Sob a ótica antropológica, o cumprimento faz parte das “boas maneiras” de convivência em comunidade na qual pessoas pertencentes ao mesmo grupo trocam mensagens em presença na sua maioria. Para que a saudação se realize de forma harmoniosa é necessário que os interlocutores tenham a competência comunicativa. Entendemos por competência comunicativa o conjunto de capacidades e habilidades que permitem ao sujeito falante de comunicar de forma eficaz em situações culturalmente específicas. Essas habilidades são aprendidas na comunidade linguística e nesse caso, são transmitidas de geração em geração.

Com o desenvolvimento da tecnologia, essa saudação pode ser a distancia, via telefone, email, *skype*, *facebook* ou outros meios tecnológicos, mas não deixa de ter o objetivo comum, que é interação com outro. No grupo linguístico em estudo não basta dizer “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite”. A saudação implica falar um pouco de você, da sua própria família<sup>6</sup>, das pessoas que te envolvem, das atividades do dia a dia, do estado do espírito dos componentes da família, etc.

Nessa comunicação há regras que envolvem aspetos discursivos específicos incluindo os tabus linguísticos. Os tabus linguísticos, segundo Guérios (1979) podem ser próprios ou impróprios. Os primeiros proíbem dizer certo nome ou palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural ou inaceitável naquele grupo linguístico. Por outro lado, os impróprios correspondem a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira inaceitável naquele grupo social, dependendo da idade, do gênero, das circunstâncias, de presença ou não de mais pessoas, etc.

---

<sup>6</sup> O conceito família neste grupo étnico-linguístico não só envolve o casal e os filhos, mas sim os primos, avós, outros parentes dos primos, qualquer parente da esposa/marido e até vizinhos.

## 4 O CUMPRIMENTO, SUA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Como já se sublinhou anteriormente, o cumprimento não é uma fala, um discurso aleatório, sem nexos. Segue regras pré-estabelecidas pela comunidade linguística. Isso significa que não interpretamos o que é dito em nossa presença simplesmente pela aplicação de princípios linguísticos que determinam as propriedades fonéticas e semânticas de um enunciado. “As crenças extralinguísticas acerca do falante e da situação desempenham um papel fundamental na determinação de como a fala é produzida, identificada e entendida” (CHOMSKY, 2009, p. 194).

Sendo assim, existem leis, parâmetros que Maingueneau (2001) os designou como “as principais leis do discurso”. São elas: a) A lei da pertinência ou da sinceridade; b) a lei da informatividade; c) lei da exaustividade e d) lei da modalidade. Maingueneau nos mostra que se deve ter em conta questões extralinguísticas que vão desde:

- a) A importância da idade: As pessoas mais velhas (idosas) é que devem tomar a atitude de iniciar a saudação quando estão em presença dos mais novos. Aliás, a tradição lhes confia a missão de transmitir os bons modos e experiências às novas gerações. O fator idade é respeitado e desempenha um papel preponderante na vida em sociedade.
- b) A relação gênero: Resultados de várias pesquisas mostram as diferenças na fala entre homens e mulheres. Timbane (2013) mostra que as mulheres possuem uma riqueza lexical a mais do que os homens pelo fato de serem mães, administradoras de lar, funcionárias, trabalhadoras, etc e isso permite que sejam versáteis. Quanto à criação de neologismos (empréstimos e estrangeirismos) percebe-se que os homens são mais criativos comparativamente às mulheres. Outro aspecto a considerar é que não é aconselhável que as mulheres jovens fiquem saudando homens solteiros. Se assim acontecer os homens/jovens podem ser considerados indivíduos sem respeito. Segundo Paiva (2004, p.36) “as mulheres tendem a liderar os processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens”.
- c) O espaço físico: Não existe limitação espacial para realização da saudação em tsonga. Simplesmente é aconselhável que a saudação ocorra enquanto os interlocutores estão acomodados, sentados na esteira, nas cadeiras, etc. Outro aspecto menos relevante é o tempo. Seja de dia, de tarde ou de noite a saudação corre da mesma forma seguindo normas pré-estabelecidas pela comunidade linguística.

## 5 O DISCURSO COMO PRÁTICA LINGUÍSTICA

A capacidade que os falantes têm na comunicação está intimamente ligada às experiências adquiridas dentro do seu grupo social. Os valores semânticos que cada frase, cada palavra têm dependem dos valores que a sociedade atribui. Mas também o diálogo implica um sentido e um resultado, o que significa numa conversa, num diálogo há troca de papéis em que um é emissor e ao mesmo tempo é receptor da mensagem. O diálogo supõe da parte de quem fala, a vontade de se fazer compreender e, da parte de quem ouve, a decisão de ouvir e de compreender.

Desta forma, o discurso é a palavra em movimento, prática da linguagem, quer dizer, a análise do discurso tenta “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2001, p. 15). Quando se fala de discurso, muitas pessoas desavisadas pensam no discurso político, pois é o mais disseminado pela mídia. O discurso designa tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos. É na verdade a “atividade verbal em geral ou cada evento de fala.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 52). Segundo Maingueneau, o discurso é orientado, é uma forma de ação, é interativo, e é contextualizado.

É importante considerar que os gêneros dividem-se em dois grupos: os primários e os secundários. Os gêneros primários, segundo Fiorin (2008) são aqueles que ocorrem no cotidiano e pertencem a comunicação verbal espontânea e tem relação direta com o contexto mais imediato. Pode-se citar exemplos de bate-papo, conversa telefônica, *skype*, *chat* e saudação como é o caso da presente pesquisa. Por outro lado, os gêneros secundários “pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a pedagógica, a artística, a científica. São preponderantemente, mas não unicamente escritos” (FIORIN, 2008, p. 70). São exemplos, o sermão, o romance, o discurso parlamentar, as memórias, etc.

Isso significa que a saudação no grupo étnico-linguístico tsonga segue as leis do discurso, que são “regras que desempenham um papel crucial no processo de compreensão dos enunciados. Pelo simples fato de serem supostamente conhecidos pelos interlocutores, elas permitem a transmissão de conteúdos implícitos” (MAINGUENEAU, 2001, p.32). A



autora acrescenta que as leis do discurso valem também para qualquer tipo de enunciação, até mesmo para a escrita, em que a situação de recepção é distinta de situação de produção.

## 6 METODOLOGIA

A presente pesquisa analisa a saudação de 4 falantes de xichangana, 2 falantes de xitswa e 4 falantes de ronga. É baseada na teoria da etnografia da fala defendida por Coulthard (1992). Todos informantes observados falam essas línguas como suas línguas maternas, apesar de alguns terem frequentado o ensino primário. Como dissemos, o português é língua oficial e é obrigatório nas escolas moçambicanas. Os informantes são adultos, com idades compreendidas entre 50 a 67 anos todos residentes na zona rural (bairros de Tsalala, Marracuene e Txumene e Malhampsene) localizadas na província de Maputo. A escolha dessas idades se justifica pelo fato de que apesar de ter noções de português ainda predomina a língua materna (a língua bantu) na comunicação e, portanto, ainda preservam traços linguísticos da sua cultura. Isso resulta nas interferências a nível fonético, sintático, lexical, semântico e pragmático fazendo surgir o Português de Moçambique. (TIMBANE, 2013). Os dois informantes observados que falam a língua xitswa chegaram em Maputo no período da guerra civil (1978). Os restantes falantes de ronga e de xichangana são habitantes dessa região há mais de 30 anos. Outra razão da escolha desses informantes é o fato de que o seu grau de escolaridade (1<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> classe) não lhes permite ser influenciados pelo contexto do português.

Todas as saudações foram transcritas e codificadas por forma a ocultar a identidade real dos falantes, pois na saudação citaram nomes dos seus filhos, enteados, amigos, etc. A saudação abaixo transcrita é referente a fala de duas mulheres (falante G e K), a primeira residente em Tsalala e a segunda em Malhampsene. Ambas se encontraram em frente ao mercado informal de Malhampsene e a gravação foi feita com um gravador digital (*Sony PX-312*), discreta e sem autorização dos falantes num primeiro momento. Só depois é que pedimos autorização e explicamos que, se tivéssemos avisado, provavelmente mudariam a forma saudação mais natural. Reconhecemos que a tradução é complexa. Muitos aspetos se perdem com ela por não existir a expressão ou palavra correspondente, pois a língua é uma identidade e cada identidade cultural é única e ímpar. Vejamos a seguir a Tradução da saudação<sup>7</sup> de xichangana para português. Duração: 7 minutos.

---

<sup>7</sup> NB: Onde tiver (\*) corresponde as marcas comunicativas da manutenção da saudação específicas do tsonga. Corresponde a: hum! Hum..hum! hú! E outras marcas que não são representados por escrito.

**Sujeito A:** Estamos saudando!

**Sujeito B:** bom dia!

**Sujeito A:** \*Como estão de saúde? \*Nós estamos bem, as crianças estão bem, deixei-os brincando porque não foram a escola hoje,\* o meu marido foi buscar o sustento da família, saiu muito cedo; \*os meus avós é que andavam doentes semana passada, mas foram ao hospital e já estão melhorando. Semana passada perdemos um tio vítima de acidente. Ele vinha de Marracuene. \* essas estradas perigosas. São assassinas! Estamos bem, mas não sabemos como vocês estão! \*

**Sujeito B:** \*Nós estamos bem, as crianças estão brincando, mesmo com constipação continuam brincando ou pelo menos estão nos enganando; eu tinha ido na horta ontem. Com a falta de chuva tudo está seco. Só consegui colher algumas verduras (matapa, cacana) para fazer caril para as crianças. Até estou pensando cortar aquele milho. Secou mesmo. \*O meu patrão (marido) foi ao trabalho, só volta a noite! Mas estamos todos bem.

**Sujeito A:** ficamos felizes saber que todos estão bem apesar de dessa constipação que não passa em crianças! Até se experimentasse ferver folhas do limoeiro e dar para tomar como chá, até ajudaria a gripe, não acha? Experimente isso. \*Essa seca está demais. \*Poeira em todo lado. Lá em Tsumene dizem que até animais morrem de sede, nem tem nenhuma planta viva. Está muito mal. dependemos das verduras que saiem das hortas. \*

**Sujeito B:** \*É verdade, o dinheiro que meu marido ganha nem chega para nada. Até estou pensando vender algumas verduras no mercado para ajudar. Está mal mesmo. \*

**Sujeito A:** não me diga! \*Vida está difícil.

**Sujeito A e B** (falando para uma 3ª pessoa que esteja ouvindo ou acompanhando a conversa): Está aí o caso ou eis a novidade/notícia! \*

**Sujeito C:** fechem o caso/saudação! \*

**Sujeito B**(falando com sujeito A): está bem. Agora estou indo... \*é hora de ir fazer o jantar das crianças. Ainda tenho que ir comprar carvão. \*fiquem bem. \*

**Sujeito A:** \* obrigado. \*Você também vai em paz e mande cumprimentos a todos. \*A gente se vê.

**Sujeito B:** obrigado....

A saudação no grupo tsonga fornece uma série de informações que englobam desde acontecimentos do meio familiar até ao meio circunvizinho. São informações de carácter geral (por vezes específicos), social e cultural no qual o falante “A” dá a conhecer ao falante “B”. O

texto transcrito acima parece uma simples conversa<sup>8</sup>. Mas está carregado de aspetos linguísticos que caracterizam o grupo social e não é restrito a dois interlocutores apenas, mas assim, aos que acompanham a saudação/ouvem. A saudação é obrigatória e indispensável para todo elemento pertencente à comunidade linguística e não só. Mas nele estão descritos muitos aspetos do **eu** subentendido como **nós**. Como veremos não existe o **eu**, quer dizer, jamais sou **eu** sem o **outro**. O **nós** é que faz existir o **eu**. É um discurso que tem introdução, um desenvolvimento e um fim. Estas sequências não podem faltar, atitude que é diferente em outras culturas em que a saudação se limita a duas frases: (a) Bom dia!; (b) tudo bem? (c) oi!

A noção do discurso resulta do fato de que o uso da palavra é um ato social. O sistema linguístico (a língua) é a forma que permite esse ato de ser significante. Dessa forma pode-se dizer que “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação).” (ORLANDI, 2001, p. 33).

Os sujeitos “A” e “B” usam a primeira pessoa do plural porque não se sentem sós e nem estão representando a individualidade. Cada indivíduo é representante (imagem) do seu grupo social. Quer dizer, quando se fala com um ronga, nele reflete-se a cultura, os hábitos, os costumes e língua do seu povo. É neste sentido que se pode dizer que cada um carrega o seu grupo étnico, seu grupo linguístico donde adquiriu as regras de comportamento em sociedade. Sendo assim, o uso da primeira pessoa de singular não só significa a pluralidade da família, mas também indica uma identificação cultural, o que é símbolo de orgulho. Foram identificados nos dados dois casos de discurso indireto (fala de “F” e “R”/ “J” e “T”), nos quais os indivíduos reportavam uma informação dada por outro.

Relação entre os sujeitos: duas pessoas falam juntas, mas estão sendo ouvidos por alguém. É necessário que essa terceira pessoa feche a conversa porque ele acompanhou. É uma questão de validar a sua existência naquele espaço e não ignorá-lo. Caso contrário podem ser processados e julgados tradicionalmente. Quem poderá, por exemplo, estipular a multa é o líder comunitário e a pena vai desde uma galinha, cabrito, vaca, serviços de lavoura na horta do ofendido, pois considera-se que o indivíduo foi menosprezada e desumanizado. Nessa saudação pode ocorrer uma sobreposição de fala, mas não ocorre nenhuma interrupção até que se chegue ao fim. O que acontece no discurso de saudação deste grupo étnico é o respeito as leis do discurso. Como explica Maingueneau (2001, p.32) “essas leis desempenham um

---

<sup>8</sup> A conversação tem como característica implicar um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não estão predeterminados, que gozam, em princípio, dos mesmos direitos e deveres e que não têm outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.13).

papel considerável na interpretação dos enunciados são um conjunto de normas que cabe aos interlocutores respeitar, quando participam de um ato de comunicação verbal.”

Os detalhes da sobre família dos intervenientes resulta da lei da exaustividade, na qual o enunciador deve dar a informação máxima, considerando-se a situação e isso sob o ponto de vista cultural indica a proximidade com o seu interveniente. Esta troca de informação entre os interlocutores “A” e “B” dá o máximo de informações possíveis da vida em família porque nas etnias tsonga privilegiam a coletividades, quer dizer, ninguém é alguém sem que esteja integrado na família. Em outras palavras, nessa cultura não existe individualismo, mas sim o coletivismo. É por isso que se usa a 1ª pessoa do plural (**nós**).

O cumprimento fica mais longo ainda quando acontece no fim do dia, porque os falantes irão contar as atividades realizadas ao longo do dia. Este ritual da saudação pode ocorrer duas vezes com as mesmas pessoas desde que estes se veem. Em caso de o sujeito “C” seja alguém mais próximo (filho, irmão, etc), o sujeito “B” precisa falar como está o sujeito “C”, dando detalhes que conhece sobre ele. Quando os interlocutores falam para o terceiro indivíduo “*hi yòleyò ndzava!*” (“eis aí as notícias!”) ocorre realmente o que Maingueneau (2001, p. 37) designa por polidez. Integra ao que é denominado por a “face positiva” que corresponde à fachada social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros.

A presença de “hummmmm!” , “hum, hum!” (marcado com \* no texto) é constante nesse diálogo/saudação. A primeira frase corresponde ao “sim” e a segunda é “não”. Mas existem outros sons que significam outras realidades culturais. Para além destes existem várias outras frases (que parecem onomatopeias) que dificilmente podem ser apresentados por escrito. São marcas discursivas que servem para aceitar, negar, admirar, estranhar, elogiar dependendo do som que sai. O interlocutor (inserido dentro da situação contextual e sociodiscursiva) tem capacidade suficiente para os interpretar tornando a conversa mais harmoniosa, coeza, interativa e sem ambiguidades e “mal-entendidos”. Isso nos leva a refletir sobre as palavras de Fiorin quando diz:

competência discursiva, que engloba uma competência narrativa, que diz respeito às transformações de estado presentes em todo texto e a seu arranjo em fases de um esquema canônico que parece ser universal; uma competência discursiva propriamente dita, que concerne, de uma lado, à tematização e à figurativização e, de outro, à actorialização, à espacialização e à temporização, bem como aos mecanismos argumentativos, que vão da utilização dos implícitos ao uso da norma linguística adequada, das figuras de pensamento aos modos de citação do discurso alheio, dos modos de argumentação *stricto sensu* (ilustração, silogismo, etc) aos efeitos de sentido de objetividade, de realidade, etc. (FIORIN, 2010, p.32).

Estas marcas comunicativas no tsonga não podem ser confundidos como “reguladores não verbais” discutidos por Kerbrat-Orecchioni (2006). Devemos considerá-las palavras. Aí entra em debate aquele debate sobre o conceito “palavra”. É verdade que existem regulares não verbais, tais como olhar, o mexer da cabeça, olhar para baixo, mexer das sobrancelhas, sorriso, mudança de postura, etc. Essas formas são fixas e seguem uma estrutura cultural bem sólida. Quando se fala com um adulto, não se deve enfrentá-lo com olhar. É importante que olhemos para baixo, gesto que significa respeito, inferioridade ou hierarquia etária e não verdadeiramente submissão, tal como outras culturas julgam. O cumprimento, pelo menos na etnia tsonga é obrigatório (pelo menos para os que se falam) e não facultativo tal como acontece em outras culturas. “o discurso leva em conta o enunciado atestado, produzido no modo segundo o qual essa relação frásica, ou um de seus termos, pode tomar sentido por meio de uma discursivização datada e específica, atualizada.” (MAZIÈRE, 2007, p. 12)

Das observações feitas se constata que os homens são menos formais do que as mulheres. Nota-se que as mulheres seguem de forma persistente as formas de saudação dando valor a cada parte que vimos anteriormente: contato inicial, o desenvolvimento e o fechamento. Esta estrutura também acontece no estudo da conversa, discutida com propriedade por Coulthard (1992). Outro dado importante a ser observado é o tempo que os homens tomam ao fazer a saudação: 37% do tempo a menos que as mulheres. Isso significa a informalidade dos homens se compararmos com as mulheres.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para finalizar, é importante perceber que a análise do discurso não pode ser feita de forma oca, sem o auxílio da respectiva cultura do falante dessa língua. Por isso que todas as análises estiveram intimamente ligadas às tradições e culturas dos tsongas, pois é impossível entender a língua fora do seu contexto cultural. Os discursos não aparecem por acaso, os nuances e os segredos sociolinguísticos não aparecem por acaso. São resultado do entrosamento entre os hábitos costumeiros, pelas tradições cultivadas durante séculos e séculos. Quem não explora esse lado sociocultural dificilmente poderá analisar o discurso de uma comunidade discursiva. Ou talvez podem ocorrer equívocos, pois a língua está intimamente ligada à sua cultura e às leis estabelecidas pelo grupo social. Neste trabalho, mostramos que a saudação não é uma simples conversa, aleatória e de simples prazer no

grupo tsonga. A saudação se liga ao dever ou a obrigação cívica que cada elemento pertencente ao grupo étnico-linguístico tem de seguir para que possa obter uma melhor integração dentro do grupo. Diante destas características entendemos que há diferenças entre a saudação tsonga e a conversa em tsonga. A conversa é mais aberta, informal, não tem regras e nem tem objetivos antropológicos definidos pelo grupo social. Nota-se que a conversa objetiva coesão da família, união, a criação da amizade bem como a necessidade de integração dentro do grupo ético. O exemplo mais comum ocorre no dote<sup>9</sup>, quando uma família do grupo étnico “A” pede a “mão em casamento” na família do grupo étnico “B”.

Falando sobre a importância de compreender a cultura de um povo, Calvet (2011) ilustra que o nome e o sobrenome do indivíduo apresentam dados históricos desse indivíduo na família e na comunidade a que pertence. Quer dizer, informa sobre seu portador, sobre seu doador, e que permite emitir, indiretamente, uma mensagem para a família ou a vizinhança, responder a uma situação, tomar partido em um conflito. Isso ocorre com frequência na tradição dos tsonga.

Os aspetos de gênero (masculino/feminino) e da idade apresentados nas discussões, representam o que Orlandi (2001) designa por ideologia na qual, os sujeitos seguem regras pré-estabelecidas pelo seu grupo social. Jamais a saudação terá um formato e estrutura diferente daquela que já está enraizada. Qualquer desvio é considerado “falta de respeito” ou ainda, “aculturado pela modernidade”. Em outras palavras: “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2001, p. 32). A saudação nas línguas do grupo tsonga não pertence aos falantes apesar destes serem sujeitos pela individualidade. Ela pertence exclusivamente ao grupo étnico tsonga, razão pela qual se conserva com o tempo. As normas sociais conseguem transpor a influencia de diversas culturas (principalmente a europeia) e trazer a tona a riqueza cultural que é ao mesmo tempo identidade dos tsongas. Terminamos este artigo, incentivando a necessidade de se pesquisar as línguas africanas, pois muitas delas ainda são ágrafas e muitas outras correm o risco de desaparecer. O estudo da análise do discurso de línguas africanas, em particular das línguas moçambicanas é quase inexistente. Muitos pesquisadores centram as suas atenções na análise do português e das suas variedades esquecendo também da riqueza sociolinguística que as línguas africanas possuem junto da cultura.

---

<sup>9</sup> Casamento tradicional em que familiares do noivo vão entregar bens à familiares da família da noiva afim de consumir o ato matrimonial.

Um simples cumprimento leva uma “carga cultural” muito grande e que varia de cultura para a cultura. O importante é reconhecer a diversidade cultural sem preconceito e sem discriminação sabendo que a cultura identifica cada indivíduo no seu grupo. A presença do “EU” que se transforma em “NÓS” que mais tarde se converte em “GRUPO ÉTNICO” é importante ser marcado no grupo étnico-linguístico que estudamos. São marcas linguísticas que devem ser respeitadas pelos falantes porque caso contrário, o indivíduo não é reconhecido como membro daquela comunidade linguística.

## **SOCIODISCURSIVE ANALYSIS OF "SALUTATION" OF ETHNIC-LINGUISTIC TSONGA GROUP FROM MOZAMBIQUE**

### **ABSTRACT**

The research deals with the analysis of greeting in Tsonga linguistic group, located in southern of Mozambique. As a starting point raised the following question: what are the discursive and cultural characteristics that Tsonga has the greeting? The research aims to analyze and display the discursive meanings of greeting Tsonga and discuss their relationship with Mozambican culture. For the research it was recorded four xichangana speakers, two xitswa speakers and four ronga speakers, all residents in Maputo and with elementary school. After transcription, followed by the stage of the analysis which concluded that the greeting is different from the conversation and she follows rules established by ethno-linguistic group. In the greeting there **selflessness** that always becomes **us**, because there is a predominance of collectivism culture. Note the presence of discursive with predominantly marks of past tense, as we report past events, mostly.

**Keywords:** discourse; greeting; tsonga group. Mozambique.

### **REFERÊNCIAS**

CALVET, L. J. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011. Trad. Waldemar F. Netto e Maressa de F. Vieira.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Trad. Roberto Leal Ferreira.

COULTHARD, M. **An introduction to discourse analyses**. 2. ed. London/New York: Longman, 1992.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2010.

GREENBERG, J. H. **The classification of the bantu languages**. London: OUP, 1948.

\_\_\_\_\_. **Language, culture and communication: essays by Joseph H. Greenberg.** Selected and introduced by Anwar S. Dil. Stanford, California: Stanford University press, 1971.

\_\_\_\_\_. Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História da África: metodologia e pré-história da África.** 2. ed. Brasília: UNESCO. 2010. p. 317-344.

GUERIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos.** 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

GUTHRIE, M. **The classification of the bantu languages.** Tese. (Doutorado em Linguística). University of London. London: IALU/ IOUP, 1948.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral da população e habitação - 2007.** Maputo: INE, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversão: princípios e métodos.** São Paulo: Parábola editorial. Trad. Calos Piozeveni Filho, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. Trad. Márcio V. Barbosa e Maria Emília A. Torres Lima.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez Editora, 2001. Trad. de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha.

MALIK, K. **Relatório do desenvolvimento humano - 2013: a ascensão do sul, progresso humano num mundo diversificado.** New York: PNUD, 2013.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso: história e práticas.** São Paulo: Parábola, 2007. Trad. Marcos Marcionilo.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do 3º seminário.** Maputo: CEA/UEM, 2011.

NURSE, D.; PHILIPPSON, G. Towards a historical classification of the bantu languages. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. (Eds.). **The bantu languages.** London/New York: Routledge, 2003. p.164-181.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAIVA, M. C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLINA, M. C.; BRAGA, M. L.(Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004.

SITOE, B. **Dicionário changana - português.** Maputo, INDE, 1996.

TIMBANE, A. A. Os empréstimos do português e do inglês na língua xichangana em Moçambique. **Revista Linguagem: estudos e pesquisas.** Catalão, v. 16, n. 1 e 2, 2012. p. 53-79.



\_\_\_\_\_. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique.** Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

Recebido em 29 de setembro de 2014. Aprovado em 08 de novembro de 2014.